


TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE: UMA REVISÃO NARRATIVA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.029-039>

Felippo Ataíde dos Santos

Centro Universitário de Mineiros (Unifimes)- Unidade Trindade Trindade- Goiás, Brasil

Graduando de Medicina

E-mail: metodologiaincientifica42@gmail.com

Júlia Inácio Pedro Sampaio

UFMT

Graduado em medicina

E-mail: metodologiaincientifica42@gmail.com

Adoniram Nunes Pereira Junior

UNIRV - campos de Goianésia

Graduado em medicina

E-mail: metodologiaincientifica42@gmail.com

Ana Luiza Silva Lôbo

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Graduada em medicina

E-mail: metodologiaincientifica42@gmail.com

RESUMO

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), anteriormente conhecido como Transtorno de Personalidade Múltipla, é uma condição psiquiátrica complexa caracterizada pela presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos que se alternam no controle do comportamento de um indivíduo.

Palavras-chave: Dissociação. Identidade. Trauma. Diagnóstico.



1 INTRODUÇÃO

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), anteriormente conhecido como Transtorno de Personalidade Múltipla, é uma condição psiquiátrica complexa caracterizada pela presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos que se alternam no controle do comportamento de um indivíduo.

O TDI frequentemente se desenvolve em resposta a traumas severos, especialmente durante a infância, como uma estratégia defensiva para lidar com eventos insuportáveis. Sua natureza torna o diagnóstico desafiador, uma vez que os sintomas de dissociação, amnésia e alterações de identidade podem se sobrepor a outras condições psiquiátricas, complicando ainda mais a identificação adequada do transtorno.

Este capítulo busca explorar a natureza do TDI, analisando suas manifestações clínicas, os debates acerca da validade dessa condição e os desafios no diagnóstico e tratamento. Além disso, será discutida como as experiências traumáticas e culturais influenciam a compreensão desse transtorno, destacando a complexidade inerente à sua estrutura e à resposta terapêutica.

2 NATUREZA DO TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE a partir dos

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) é uma condição psiquiátrica marcada pela presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos em um mesmo indivíduo. Essas identidades podem assumir o controle do comportamento em momentos diferentes, resultando em rupturas na memória e na percepção de si, o que dificulta o diagnóstico e a compreensão dessa condição complexa. O TDI está frequentemente associado a experiências traumáticas, especialmente na infância, o que levanta questões sobre sua origem, validade e o impacto nas diversas esferas da vida do paciente.

Maraldi (2019) destaca que o TDI é uma das formas mais complexas de dissociação, frequentemente relacionado a experiências traumáticas infantis, como abusos ou eventos extremamente estressantes. Essas experiências levam o indivíduo a fragmentar sua identidade como uma forma de proteção psíquica, gerando lacunas de memória e comportamentos que variam entre as diferentes identidades. A discussão sobre a validade do TDI também envolve aspectos culturais e o reconhecimento dessa condição em diferentes contextos, o que contribui para a diversidade de opiniões sobre a natureza e a autenticidade do transtorno.

Segundo Dalpont e Spence (2023), o TDI se manifesta por meio de sintomas como amnésia, despersonalização e desrealização, que complicam o diagnóstico, uma vez que esses sintomas podem se sobrepor a outros transtornos psiquiátricos. A dissociação, no caso do TDI, pode ser vista como uma estratégia defensiva diante de eventos traumáticos, o que reforça o caráter multifacetado do transtorno.

Além disso, as dificuldades em reconhecer os sintomas tornam o tratamento e o acompanhamento clínico desafiadores, pois é preciso diferenciar o TDI de outras condições psiquiátricas.

Gulisz e Vieira (2022) exploram a dissociação como um mecanismo de defesa que permite ao indivíduo se distanciar de situações traumáticas, criando identidades para lidar com as experiências insuportáveis. Essas identidades distintas podem possuir suas próprias memórias, comportamentos e modos de ver o mundo, fragmentando a percepção de si. A complexidade do TDI reside exatamente na profundidade dessa fragmentação, que afeta as relações interpessoais e a vida cotidiana dos pacientes, muitas vezes causando sofrimento significativo e impedindo o funcionamento saudável.

A análise de Almeida, Ribeiro e Benedetti (2020) ressalta que o TDI apresenta uma diversidade de sintomas que podem variar entre os indivíduos, refletindo a natureza multifacetada dessa condição. A presença de amnésia dissociativa e episódios de despersonalização e desrealização são sinais comuns, mas as manifestações podem ser muito distintas entre os pacientes, o que torna o processo de diagnóstico ainda mais difícil. A multiplicidade de experiências pessoais e os sintomas variáveis desafiam as abordagens clínicas e sugerem a necessidade de tratamentos personalizados.

Kabene, Balkir Neftci e Papatzikis (2022) enfatizam que, além das dificuldades clínicas, a complexidade do TDI é amplificada pela controvérsia que envolve sua validação nos âmbitos médico e jurídico. Em contextos legais, a responsabilidade dos indivíduos diagnosticados com TDI é frequentemente debatida, especialmente em casos em que diferentes identidades podem estar envolvidas em comportamentos ilícitos. A falta de consenso sobre a validade do transtorno contribui para a resistência em aceitar diagnósticos de TDI, tanto na comunidade médica quanto na jurídica.

O Transtorno Dissociativo de Identidade, portanto, é um fenômeno psiquiátrico de natureza complexa e multifacetada. Ele envolve uma fragmentação profunda da identidade e da memória, frequentemente associada a experiências traumáticas. A diversidade de sintomas, a dificuldade no diagnóstico e as controvérsias culturais e legais acerca de sua validade tornam o TDI uma condição desafiadora tanto para o campo da psiquiatria quanto para a sociedade em geral.

3 TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE: CAUSAS E FATORES DE RISCO

As causas do TDI estão fortemente relacionadas a experiências traumáticas e uma interação de fatores genéticos, psicológicos e sociais. Um ponto central nos estudos sobre o TDI é a vivência de traumas intensos, como abuso físico, emocional ou sexual, especialmente durante a infância, que é considerada uma fase crucial para o desenvolvimento desse transtorno (Maraldi, 2019; Almeida; Ribeiro; Benedetti, 2020; Dalpont; Spence, 2023). Essas experiências podem desencadear respostas dissociativas, permitindo que o indivíduo se distancie das lembranças dolorosas como um mecanismo de defesa.

Além das experiências traumáticas, a predisposição genética também desempenha um papel importante. Estudos indicam que certas características genéticas podem aumentar a vulnerabilidade ao desenvolvimento do TDI, especialmente quando combinadas com traumas precoces (Dalpont; Spence, 2023). A presença de outros transtornos mentais, como depressão e ansiedade, bem como a falta de suporte social durante os períodos críticos de desenvolvimento, são fatores que agravam a suscetibilidade ao transtorno e sua severidade (Gulisz; Vieira, 2022).

A dissociação, que caracteriza o TDI, pode ser vista como uma resposta adaptativa a situações de estresse extremo, permitindo que o indivíduo lide com traumas insuportáveis. Contudo, esse mecanismo pode levar ao desenvolvimento de identidades fragmentadas, cada uma com suas próprias memórias, comportamentos e até traços de personalidade, como uma forma de lidar com o sofrimento (Kabene; Balkir Neftci; Papatzikis, 2022). No entanto, além do trauma, outros fatores, como a predisposição psicológica e a ausência de redes de apoio durante a infância, parecem potencializar o surgimento e a persistência do TDI (Almeida; Ribeiro; Benedetti, 2020).

Em resumo, o TDI resulta de uma interação complexa entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Traumas graves na infância, aliados a uma vulnerabilidade genética e psicológica, formam o núcleo das causas do transtorno. Esses fatores não apenas influenciam a manifestação do TDI, mas também afetam seu curso e a gravidade dos sintomas, evidenciando a necessidade de abordagens terapêuticas que considerem essa complexidade etiológica (Gulisz; Vieira, 2022; Kabene; Balkir Neftci; Papatzikis, 2022).

4 TRATAMENTO E INTERVENÇÕES PARA O TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE

O tratamento do TDI envolve múltiplas abordagens psicoterapêuticas que buscam integrar as diferentes identidades e promover o bem-estar emocional dos pacientes. Dentre essas abordagens, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) se destaca como uma das principais técnicas utilizadas, pois auxilia os pacientes a processarem traumas passados, a lidarem com os sintomas dissociativos e a desenvolverem habilidades de enfrentamento. Maraldi (2019) salienta que, além de abordar a regulação emocional, a TCC visa promover a integração das diferentes identidades, possibilitando uma melhora significativa na qualidade de vida do paciente. Ele enfatiza, ainda, a importância de uma abordagem individualizada e da colaboração entre os profissionais de saúde mental, garantindo um tratamento eficaz e sensível às necessidades específicas de cada caso.

Além da TCC, o uso de outras terapias voltadas para o trauma também é comum. Segundo Dalpont e Spence (2023), a terapia de integração é uma dessas abordagens, para auxiliar os pacientes na resolução de traumas e na integração de suas identidades. Para guiar o tratamento, os autores recomendam o uso de ferramentas diagnósticas, como o Teste de Rorschach e a Escala de Experiências

Dissociativas, que ajudam a avaliar com maior precisão o nível de dissociação e a personalizar as intervenções. Através dessas avaliações, é possível estruturar um plano terapêutico mais assertivo, garantindo avanços no tratamento.

Outra abordagem que tem se mostrado eficaz no tratamento do TDI é a terapia dialética-comportamental (TDC), como apontado por Gulisz e Vieira (2022). A TDC, juntamente com a terapia focada na compaixão, tem como objetivo a estabilização emocional, aspecto essencial para que os pacientes possam lidar de forma mais eficaz com os sintomas dissociativos. Além de focar na integração das identidades, essas terapias proporcionam ao paciente um espaço para desenvolver habilidades de enfrentamento, o que contribui para uma melhoria contínua na qualidade de vida. Esses autores reforçam a necessidade de um enfoque terapêutico que priorize a construção dessas habilidades, visando o fortalecimento emocional e a resolução dos traumas subjacentes.

Por sua vez, Almeida, Ribeiro e Benedetti (2020) sugerem que o suporte social e a educação sobre o transtorno devem ser incluídos no tratamento, complementando as abordagens psicoterapêuticas tradicionais. Eles destacam que, além de técnicas como a terapia cognitivo-comportamental e a terapia focada na integração das identidades, oferecer suporte educacional ao paciente e a seus familiares facilita o manejo dos sintomas. Dessa forma, a intervenção se torna mais completa, e o paciente tem melhores condições de gerenciar as crises dissociativas. Esses autores também ressaltam a necessidade de um tratamento que, embora tenha uma base psicoterapêutica, leve em consideração fatores externos que influenciam o bem-estar do paciente, promovendo assim uma abordagem individualizada.

Kabene, Balkir Neftci e Papatzikis (2022) exploram o uso de técnicas como a hipnose no tratamento do TDI. Eles afirmam que essa técnica pode facilitar a comunicação entre as diferentes identidades, permitindo que o paciente trabalhe de forma mais ativa na integração dessas partes. Embora a hipnose não seja indicada para todos os casos, ela pode ser um complemento eficaz em certos pacientes, especialmente quando os métodos convencionais de terapia enfrentam limitações. Os autores reforçam que, independentemente da técnica escolhida, é fundamental desenvolver um plano de tratamento individualizado, dado que cada caso de TDI apresenta características únicas e requer uma abordagem personalizada.

O tratamento do TDI envolve uma combinação de terapias voltadas para a integração de identidades, a resolução de traumas e o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento. A colaboração interdisciplinar, a avaliação diagnóstica precisa e o apoio social são essenciais para o sucesso do tratamento, que deve ser ajustado conforme as necessidades individuais de cada paciente.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, concluiu-se que o Transtorno Dissociativo de Identidade apresenta uma natureza profundamente complexa e multifacetada, marcada por uma fragmentação da identidade, frequentemente relacionada a traumas severos.

A diversidade de sintomas, que podem variar de amnésia e despersonalização a múltiplas identidades com memórias e comportamentos distintos, reflete a complexidade de seu diagnóstico e tratamento. Além disso, as controvérsias culturais e legais em torno da validade do TDI, somadas à dificuldade de distinguir seus sintomas de outras condições psiquiátricas, reforçam a necessidade de abordagens terapêuticas individualizadas e uma maior compreensão dessa condição.

O estudo do TDI exige um olhar atento às nuances tanto biológicas quanto psicossociais que moldam a experiência desse transtorno, enfatizando a importância de tratamentos que considerem a singularidade de cada paciente e a profundidade das experiências traumáticas subjacentes.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda Macário; RIBEIRO, Arieli Belloli; BENEDETTI, Laura. Transtorno Dissociativo de Identidade: um mecanismo de proteção complexo. *Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial*, [S.l.], v. 1, n. 1, 2020.

DALPONT, Nanashara Imbronizio; SPENCE, Nádie Christina Ferreira Machado. Abordagens diagnósticas no transtorno dissociativo de identidade: uma revisão sistemática da literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 11481-11491, 2023.

GULISZ, Isabele Cristine; VIEIRA, Fabiano de Melo. Um Estudo de Revisão Sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade: Características e Direções de Tratamento. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 71-82, 2022.

KABENE, Stefane M.; BALKIR NEFTCI, Nazli; PAPTZIKIS, Efthymios. Dissociative identity disorder and the law: Guilty or not guilty? *Frontiers in Psychology*, [S.l.], v. 13, p. 891941, 2022.

MARALDI, Everton de Oliveira. Transtorno dissociativo de identidade: aspectos diagnósticos e implicações clínicas e forenses. *Revista Fronteiras Interdisciplinares do Direito*, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 32-32, 2019.